



# Violência no namoro para jovens universitários à luz do Paradigma da Complexidade

**Rosana Alves de Melo**

<https://orcid.org/0000-0001-9217-921X>

Universidade Federal do Vale do São Francisco, Colegiado de Enfermagem, Petrolina, Pernambuco, Brasil

**Marianna Amaral Alencar Monteiro**

<https://orcid.org/0000-0001-8724-438X>

Universidade Federal do Vale do São Francisco, Colegiado de Enfermagem, Petrolina, Pernambuco, Brasil

**Flávia Emília Cavalcante Valença Fernandes**

<https://orcid.org/0000-0003-2840-8561>

Universidade de Pernambuco, Colegiado de Enfermagem, Petrolina, Pernambuco, Brasil

**Adriele Souza Pires**

<https://orcid.org/0000-0003-4182-2572>

Pesquisadora autônoma

**Karina Perrelli Randau**

<https://orcid.org/0000-0002-4486-4420>

Universidade Federal de Pernambuco, Departamento de Ciências Farmacêuticas, Recife, Pernambuco, Brasil

## Introdução

A violência é um fenômeno global e é definida pela Organização Mundial de Saúde como qualquer ato intencional de força física ou de poder dirigido a outrem, contra si próprio ou contra uma coletividade, que pode ameaçar ou resultar em lesão, dano psicológico, danos sociais, privações ou morte. A mesma é categorizada em três grandes áreas, como violência coletiva, violência auto infligida e violência interpessoal (WORLD HEALTH ORGANIZATION, 1996).

Dentro da categoria de violência interpessoal encontra-se a violência entre parceiros íntimos, a qual se refere a qualquer ato de violência cometida em uma relação íntima de afeto entre duas pessoas de sexos diferentes ou do mesmo sexo, com potencial de causar dano físico, psíquico, jurídico, social, econômico, moral ou sexual (COELHO; SILVA; LINDNER, 2014).

A violência nas relações de intimidade começa no namoro e tem raízes históricas e culturais, perpassando todos os grupos étnicos, níveis socioeconômicos e educativos. Essa forma de violência é, na maioria das vezes, perpetrada por pessoas do sexo masculino contra o sexo feminino, mas homens e mulheres podem ser tanto vítimas quanto agressores na relação afetivas (BESERRA et al., 2016). A construção da identidade de gênero e a subalternidade de geração podem estar associadas à considerável vulnerabilidade à experiência de vitimização ou perpetração da violência nas relações afetivas entre parceiros adolescentes e jovens (CAMPEIZ et al., 2020a; LAZZARI; CARLOS; ACCORSSI, 2020; SOUZA; REZENDE, 2018).

A violência nos relacionamentos íntimos, apesar de ter sido negligenciada durante tempos em vários contextos, não é um problema recente e já vem despertando o interesse de pesquisadores para estudos em vários contextos (BESERRA et al., 2016; BITTAR; NAKANO, 2017; MARTINS, 2017; MÚRIAS, 2019; PINHEIRO; CARIDADE, 2019; SOUZA; LORDELLO; MURTA, 2022; SOUZA; PASCOALETO; MENDONÇA, 2018; VERÍSSIMO et al., 2022). No entanto, mesmo já assumindo uma importante contribuição nas publicações existentes, a violência nas relações de namoro na fase da adolescência e juventude é um fenômeno relativamente pouco estudado no contexto brasileiro, quando comparado com os estudos que abordam a violência entre parceiros íntimos adultos.

Esse fenômeno sempre esteve presente na história da humanidade, mas não deve ser aceito como aspecto inevitável da condição humana, uma vez que esse tipo de violência pode causar transtornos mentais e alimentares, prejuízo ao desempenho educacional, adoção de práticas sexuais de risco, indução ao abuso de álcool e outras drogas, dentre outras alterações (GARCIA; SILVA, 2018).

A violência no namoro entre jovens e adolescentes é considerada um forte preditor da violência entre casais na idade adulta. Por esse motivo, ações de prevenção primária, referentes às medidas preventivas de incidência de novos casos, são necessárias e devem incluir a promoção do acesso aos serviços de saúde com apoio e diálogo aberto e educação em saúde voltada principalmente ao público jovem (SANTOS; MURTA, 2016).

Assim, a vivência da violência nos relacionamentos íntimos e disseminada entre os jovens compõe um mosaico que desafia a construção de modelos de atenção integral à saúde capazes de favorecer, nesse momento peculiar da vida que é a fase da juventude, o protagonismo, a autonomia e o cuidado consigo e com o outro. Para minimizar essa dificuldade, é necessário compreender como esse público se expressa e vivencia o fenômeno da violência na relação de intimidade na contemporaneidade.

Diante do exposto, surgiu a seguinte questão norteadora: como os jovens universitários do sexo masculino percebem a ocorrência da violência nas relações de namoro? Considerando que os indivíduos do sexo masculino se apresentam tanto como algozes quanto como vítimas de violência e que, apesar de ser um problema bastante presente na contemporaneidade, o fenômeno da violência no namoro é relativamente pouco estudado na realidade da juventude, o presente estudo teve como objetivo descrever a percepção de jovens universitários do sexo masculino sobre violência nas relações de namoro, considerando os aspectos físicos, sexuais e psicológicos.

A investigação sobre as diversas expressões e manifestações que a violência nas relações de namoro vem mantendo se configura como um meio propício de instigação para ações de aperfeiçoamento das experiências afetivas e prevenção da violência entre parceiros íntimos jovens, além de fomentar a equidade de gênero. Nesse contexto, o posicionamento teórico desse estudo fundamenta-se no Paradigma da Complexidade (MORIN, 2012), o qual nega a oposição entre complexidade e simplicidade e entende como complexo aquilo que é “tecido junto” e é, de fato, o tecido de ações, acasos, acontecimentos, determinações, interações e retroações, que formam nosso mundo fenomênico (MORIN, 2011).

Assim, ao considerar as contradições e imprevisibilidades, o Pensamento Complexo viabiliza uma visão multidimensional e compreende o fenômeno da violência dentro do relacionamento íntimo na interação e interdependência de seus elementos e em contexto, possibilitando um olhar ampliado e maior grau de compreensão e conhecimento (MORIN, 2011; 2012).

## Metodologia

Trata-se de uma pesquisa qualitativa, ancorada pelo Paradigma da Complexidade, que se configura como um método direcionado por duas noções principais: a contextualização e a compreensão. A primeira busca o olhar transdisciplinar para o fenômeno, considerando sua multidimensionalidade. A compreensão pode ser entendida como a apreensão do significado de um objeto ou acontecimento, tendo em conta suas relações com outros objetos ou acontecimentos (MORIN, 2011). O roteiro *Consolidated criteria for reporting qualitative research* (COREQ) foi utilizado para o relato da coleta de dados.

A pesquisa foi desenvolvida com 17 jovens universitários estudantes de uma instituição pública federal, com sedes localizadas na região do Vale do São Francisco, em municípios baiano e pernambucano. Adotou-se como critérios de inclusão os jovens serem do sexo masculino, estarem devidamente matriculados em algum dos diversos cursos da instituição, ter entre 19 e 24 anos de idade; e estarem em um relacionamento afetivo por mais de três meses ou terem vivenciado algum no último ano.

A coleta de dados ocorreu no período entre outubro de 2019 a janeiro de 2020, mediante realização de entrevistas semiestruturadas e diário de campo. A primeira parte foi realizada com todos que aceitaram participar e foi guiada pelas seguintes questões norteadoras: 1. *O que você compreende sobre violência no namoro?* 2. *Sabe dizer quais as possíveis formas de violência que podem ocorrer nas relações de namoro e através de quais ações elas se propagam?* 3. *Acredita já ter praticado violência contra algum (a) parceiro (a), mesmo que de forma sutil?* 4. *Por que você acha que ocorre ou pode ocorrer violência dentro de um relacionamento?* 5. *Qual papel você acredita que o ciúme tem dentro de um relacionamento?* 6. *Quais motivos podem desencadear desentendimentos em um relacionamento?*

O diário de campo foi utilizado durante todo o processo de coleta para: registro das informações da entrada no campo; aproximação dos participantes; detalhes sobre as técnicas de coleta; andamento da pesquisa. A coleta foi interrompida após a 17ª entrevista, por entender-se que houve a saturação de significado; esta corresponde a uma discussão mais profunda, rica em detalhes e complexa, com os dados para assegurar a compreensão do fenômeno de interesse (HENNINK; KAISER; MARCONI, 2017).

As entrevistas foram gravadas no programa *Easy Voicer*, em um tablet; e, depois, transcritas na íntegra. Tiveram duração entre 17 e 43 minutos. Para manutenção do anonimato, foram identificadas como E1, E2, E3 e assim por diante, de acordo com a sequência em que ocorreram.

Após o levantamento dos dados de pesquisa e transcrição integral das entrevistas pelo primeiro autor, procedeu-se às seguintes etapas (CLARKE; BRAUN, 2013): (i) classificação e organização das informações coletadas, foram assinalados os principais pontos levantados nas entrevistas, observando-se a sua pertinência e relevância para o objeto de estudo; essa organização permitiu uma visão do conjunto da pesquisa e, simultaneamente, a visualização de questões específicas relacionadas ao todo pesquisado; (ii) organização de quadros referenciais com os principais pontos das respostas dos estudantes, a fim de se ter uma visão do conjunto das informações que possibilitasse categorizá-las; (iii) estabelecimento de relações entre os dados – por meio da organização dos dados em categorias, que se constituíram pelo agrupamento dos elementos, ideias e/ou expressões em torno de conceitos capazes de abranger todos esses aspectos. Este processo é exemplificado no quadro referencial (quadro 1).

**Quadro 1 – Quadro referencial e categorias finais**

<b>Códigos iniciais</b>	<b>Códigos intermediários</b>	<b>Temas finais</b>
<ul style="list-style-type: none"> <li>• Restrição de liberdade</li> <li>• Opressão</li> <li>• Humilhação</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Violência de mãos dadas com o dano psicológico</li> <li>• Posse do outro</li> </ul>	O jovem e sua percepção sobre violência no namoro
<ul style="list-style-type: none"> <li>• Agressão</li> <li>• Controle do outro</li> <li>• Raiva</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Meu Eu agressor</li> <li>• Motivação banal</li> </ul>	Violência no namoro: vítima versus vitimizador?
<ul style="list-style-type: none"> <li>• Ciúme</li> <li>• Posse</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Nem tudo são flores</li> <li>• Termómetro da relação</li> </ul>	O namoro e sua interface com a violência

Fonte: Dados da pesquisa.

Posteriormente, estabeleceram-se as relações entre os dados obtidos e o Paradigma da Complexidade, os dispositivos legais e a literatura científica. Ressalta-se que o processo analítico e interpretativo foi ilustrado com algumas falas dos participantes, buscando a credibilidade e validade desse processo. Para garantir maior validade e confiabilidade dos dados, foram realizadas as seguintes estratégias recomendadas por instrumentos da literatura: (i) *memberchecking* – devolutiva dos dados aos participantes para “checagem” da coerência do conteúdo; (ii) análise com pares – a construção dos quadros referenciais e categorias se deram por dois pesquisadores do estudo, com validação por um terceiro quando foi necessário; (iii) uso do diário de campo, garantindo maior transparência de todo o processo de pesquisa.

A pesquisa seguiu todos os preceitos éticos e legais sendo aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) de uma universidade pública federal, sob o nº do parecer 3.639.882.

## Resultados e discussão

A pesquisa contou com dezessete participantes, estudantes universitários do sexo masculino, na faixa etária entre 19 a 24 anos, com tempo de duração do relacionamento variando entre quatro meses a seis anos. Tratando-se da orientação sexual, onze deles se identificaram como heterossexuais, cinco como homossexuais e um como bissexual. Quanto ao tempo de permanência na universidade, observou-se a seguinte distribuição: nove encontravam-se entre o primeiro e quinto período da faculdade; seis entre o sexto e décimo-segundo período. No que diz respeito à habitação, apenas um relatou morar com o namorado, os outros alternaram entre morar sozinho, com parentes ou com amigos.

## O jovem e sua percepção sobre violência no namoro

Quando questionados sobre o que percebiam por violência no namoro, observou-se que os mesmos a percebem como um problema que envolve a restrição da liberdade do outro, oprime e tem o potencial de causar danos psicológicos e físicos:

[...] Tentar privar a pessoa da liberdade individual dela. Quando você tá numa relação de namoro às vezes você pode tentar usar da sua influência afetiva naquela pessoa para restringir a liberdade dela individual, do que ela pensa, do que ela quer fazer ou para onde ela quer ir (E10).

A violência pode acontecer quando a pessoa é (pausa), passa a ver a outra como uma posse, como algo que é sua propriedade e tenta [...] como é que diz? (pausa) privá-la de certas liberdades que são inerentes ao próprio ser humano (E11).

Violência no que se refere a questão psicológica, questão física, tudo aquilo que pode oprimir ou pode causar algum dano entre as pessoas que estão se relacionando (E12).

Por meio do princípio da complexidade da violência íntima, buscou-se obter uma visão ampliada do fenômeno, mas em dimensões diferenciadas e com suas particularidades e conectividades. Assim, evidenciam-se as interações e conexões da violência física, verbal e psicológica nos relatos dos jovens, que contemplam as variáveis que envolvem a

violência, uma vez que esta se apresenta como um excesso de força de um sujeito sobre o outro, indicando um comportamento deliberado que acarreta em danos psicológicos, físicos, tortura e/ou morte, advindas de situações de humilhação, ameaças e ofensas, como consequência de atos contrários à liberdade e à vontade pessoal de alguém (MODENA, 2016).

Nesse íterim, os discursos coadunam com os achados de um estudo realizado com adolescentes estudantes do ensino médio, que objetivou compreender a percepção deles sobre a violência nas relações de intimidade e mostrou que na maioria das vezes a violência se perpetua dentro dos relacionamentos através de atos de ofensas e ameaças constantes, sendo consequência de disputas de poder exercidas do homem para com a mulher, atreladas às diferenças de gênero (SCHOENMAKER et al., 2016).

A relação entre os gêneros, legitimada pela sociedade e evidenciada pela dominação masculina, tem como característica o poder dos homens sobre as mulheres, sendo um fenômeno naturalizado pela sociedade e fortemente acentuado pela tradição cultural. Todo processo de masculinidade construído socialmente advém da relação de poder patriarcal, e essa dominância ainda segue sendo exercida na atualidade por conta do meio social ideológico, econômico e coercitivo, em que as mulheres se encontram em situação de desvantagem com relação aos homens (NADER; CAMINOTI, 2014). A violência de gênero, em conjunto com o mito do amor ideal, que também é deturpado em termos de poder, viabilizam e propiciam as violências entre os parceiros íntimos, presentes nas relações amorosas (CAMPEIZ et al., 2020a; SOUZA; REZENDE, 2018).

Essa construção social, baseada na dominação do outro é abordada por Pierre Bourdieu, que também utiliza o conceito de dominação para analisar as relações de gênero. Para o autor, ainda na atualidade, o gênero masculino domina o feminino. A dominação masculina não é apoiada prioritariamente na força bruta, nas armas ou na dependência financeira; via de regra, ocorre no campo do simbólico. O dominado adere à dominação de maneira irrefletida e passa a considerar tudo isso como natural (BOURDIEU, 2007).

Ademais, as ações consideradas como violentas dentro das relações afetivas de namoro na visão dos sujeitos desse estudo envolvem as agressões físicas exacerbadas, as proibições e atitudes que vão de encontro à vontade do(a) parceiro(a), como ilustram as falas a seguir:

Dar empurrão, bater, enforçar [...] insultos, xingamentos diminuindo a pessoa, humilhando em público ou sozinho, [...] quando você restringe o bem daquela pessoa e coloca ela submissa àquilo (E1).

Proibir de sair de casa, não deixar sair com as amigas ou ela não deixar sair com os amigos. Esse tipo de coisa (E4).

Até mesmo um simples beijo que seria de carinho mais forçado. Acho que pra ter esse tipo de coisa os dois precisam estar em perfeita sintonia né, um consentindo com o outro (E9).

Sob a ótica do Paradigma da Complexidade, foi possível observar que as ações violentas dentro dos relacionamentos se apresentam através de atitudes que ofendem a integridade ou saúde corporal, incluindo o homicídio; atitudes de humilhar, insultar, atos de controle, ameaça, manipulação, violação da intimidade, destruição de objetos pessoais, entre outros; e toda conduta que constranja ou imponha a relações sexuais indesejadas

(BRANCAGLIONI; FONSECA, 2016; RUBIO-GARAY et al., 2017). Assim, compreende-se a interconexão que fornece as características das violências no relacionamento íntimo, mas que muitas vezes são naturalizadas e invisibilizadas, e se baseiam em referências tradicionais e culturais, que permitem a idealização do amor romântico.

Nessa perspectiva, enfatiza-se que, apesar de haver, muitas vezes, a legitimação da violência dentro dos relacionamentos afetivos, a perpetuação dessas ações violentas em relações na fase da adolescência e juventude envolve diversas consequências graves e devastadoras, como depressão, ansiedade e sintomas relacionados à agressividade; o uso de substâncias ilícitas; baixa autoestima; ideação suicida; insucesso escolar; e romantização da violência nos relacionamentos a longo prazo (BEZERRA; ALVES; CANUTO, 2020; OLIVEIRA et al., 2016; VERÍSSIMO et al., 2022).

Dentre os diversos tipos de violência citados pelos sujeitos, percebeu-se que a psicológica foi vista como a mais presente nos relacionamentos afetivos, apesar de ocorrer muitas vezes de forma mais velada, através da manipulação da vontade do outro, e resultar em situações de violência mais acentuadas como xingamentos e ofensas mais graves, com o potencial de diminuir a autoestima do (a) companheiro (a), deixando-o submisso (a):

Acho que a psicológica. [...] Você abdicar de muita coisa entre você fazer a sua vontade e o outro fazer a vontade dele (E5).

Eu acho que a psicológica com certeza porque é a que é menos clara, e depois vem as ofensas, deixando a gente pra baixo [...] (E11).

Psicológica porque pra você chegar a um ato de agressão é porque você já está no limite então primeiro vem os xingamentos, [...] começar a falar, passar na sua cara alguma coisa que não gostou, e aí, faz uma pressão querendo que você seja como a pessoa quer que você seja (E13).

Esses achados são similares aos encontrados no estudo realizado com jovens estudantes do ensino médio e superior em cidades no México, onde foi evidenciada inicialmente a prevalência de violência psicológica, como coerção, humilhação e desapego, e, com menos frequência, a violência física (CÁRDENAS et al., 2018). Outro estudo realizado com jovens universitários do sexo masculino e heterossexuais identificou que a violência moral e psicológica foram as formas de violência contra mulheres mais presentes no namoro dos participantes, seguidas pela sexual, física e patrimonial, respectivamente (SOUZA; PASCOALETO; MENDONÇA, 2018).

Diante disso, analisando a complexidade da violência psicológica, observa-se que muitas de suas manifestações são invisíveis e, frequentemente, tanto o autor quanto a vítima da violência não reconhecem a sua manifestação e o seu significado na relação ou, quando cientes, tornaram-na aceita e consentida (CAMPEIZ et al., 2020b). Essa aceitação e naturalização, associadas às crenças e ao velamento da violência, podem se configurar como os principais fatores da perpetuação desse fenômeno.

Outro ponto importante encontrado na fala dos participantes de forma bem acentuada foi a justificativa de que a falta de conhecimento do que de fato se configura como violência psicológica seria um preditor para a ocorrência recorrente desse tipo de violência nas relações afetivas, conforme apontam os excertos a seguir:

[...] A psicológica, porque eu acho que é algo que você não tem uma definição tão exata como a violência física e a sexual, e aí você acaba naturalizando esse tipo de coisa, acha que é normal ou se acostuma né (E3).

[...] Porque a psicológica a pessoa acaba nem sabendo que é uma violência psicológica. A pessoa só percebe depois que estava em um relacionamento mais abusivo (E4).

Acredito que a psicológica é mais presente na relação [...], porque é mais ignorado, as pessoas não têm um limite do que é ou do que não é violência psicológica (E6).

Existem atitudes violentas que não configuram realmente violência, porque a pessoa não percebe e não repara o que aconteceu (E14).

Diante dessas falas, percebe-se que há atos violentos que são naturalizados dentro da dinâmica do namoro, não havendo uma imposição de limite para os mesmos, uma vez que não há o reconhecimento dessas situações de agressões como violência expressamente.

Em uma pesquisa, Bringas-Molleda et al. (2015) evidenciaram que jovens que relataram nunca terem sofrido abuso também experimentam várias formas de vitimização sem realmente reconhecer como agressão, sendo isso considerado como “abuso técnico”. Participantes desse estudo que não se sentiram violentados relataram coerção, violência de gênero e humilhação como as formas de violência mais frequentes, mesmo acreditando ser uma ocorrência insignificante.

Ressalta-se que a legitimação da violência pode estar relacionada à pressão por parte do agressor, à normalização da relação outrora violenta e ao fato de muitos jovens a considerarem uma forma de demonstração de amor, principalmente quando justificada por ciúmes. Ademais, a violência sempre esteve ligada a algo punível legalmente, o que prejudica o seu reconhecimento quando cometida por alguém que mantenha uma relação íntima de afeto (SILVA, 2014). A não percepção dos atos violentos como algo grave e que necessita de punição leva muitos jovens a continuarem com esses comportamentos e a considerá-los como aceitáveis (COSTA; COSTA; NASCIMENTO, 2018).

## Violência no namoro: vítima versus vitimizador?

Quando indagados se acreditaram já terem sido vítimas de algum tipo de situação de abuso ou violência em uma relação afetiva, os entrevistados relataram que já passaram por situações de proibições para expor fotos em redes sociais, manter relação de amizade com pessoas do sexo oposto e sair com os amigos; assim como já sofreram por situações de ciúmes e brigas em excesso, além de terem sido privados de sua liberdade em alguns momentos, como mostram as falas seguintes:

Já sim [...] o ciúme excessivo. Ela proibia de sair com meus amigos, ou ter amizade de conversar com outras mulheres, ou de ter rede social. Essas coisas, sabe? (E4).

Brigar por tudo. [...] Se eu falasse com uma amiga minha, tinha uma briga. [...] sei lá, se eu curtisse uma foto. (...) tudo o que eu fazia nas redes sociais ela via, sabe?! Antes de tudo, tudo o que eu fazia ela sabia. [...] Então, talvez isso seria um tipo de violência psicológica (E9).

[...] Eu fui trancado dentro do quarto e fui agredido, não fisicamente, mas fui agredido assim, fui xingado (E12).

A apreensão dos relatos sob o princípio do Paradigma da Complexidade exhibe a relação e a codependência existentes entre as lógicas afeto e agressão (MORIN, 2011). Estes fatores se completam e são opostos nas relações; eles passam a evidenciar que a demonstração de ciúme e o sentimento de controle se comportam como importantes elementos na construção e no estabelecimento das relações de intimidade dos jovens.

Em consonância com outros estudos, observa-se que a ideia de posse sobre o outro está presente nos discursos como um dos fatores que motiva os atos violentos. Esses atos de domínio sobre a vítima, como proibição, privação da liberdade e controle, são decorrentes do sentimento de posse presente na maioria das relações contemporâneas, compreendendo-se que os conflitos violentos são ocasionados, muitas vezes, por insegurança, apego e desregulação emocional (BOURDIEU, 2007; CÁRDENAS et al., 2018; NADER; CAMINOTI, 2014; SCHOENMAKER et al., 2016).

Em estudo cujo objetivo foi mapear e analisar a violência nas relações de intimidade de jovens, observou-se que há uma bidirecionalidade no que se refere ao fator ciúmes e relações de poder, sendo a violência praticada por ambos os parceiros. Dessa forma, em muitos momentos, o indivíduo que outrora foi vítima pode assumir o papel de perpetrador (CONCEIÇÃO et al., 2018).

Em contrapartida, quando questionados se achavam que alguma vez haviam perpetuado violência contra o (a) parceiro (a), alguns responderam que sim, sendo motivados por ciúmes ou raiva. A forma de ser violento se deu, em sua maioria, por pressão psicológica, mas alguns citaram a agressão física:

Sim, acredito que sim. Acho que atitude de ciúmes. Acho que eu acabei sendo grosso. Ou acabei excedendo as palavras, xingamento, essas coisas (E4).

Eu acho que psicologicamente sim. Através de ficar com raiva de uma coisa que ela fez e eu não ter gostado e agir indiferente com ela (E5).

Acho que de todas as formas eu já fui violento quando fiquei com raiva ou ciúme. Acho que até fisicamente já posso ter sido alguma vez (E8).

As falas evidenciam que as ações violentas motivadas por raiva ou ciúme estão fortemente presentes nas relações afetivas, principalmente partindo dos indivíduos do sexo masculino. No entanto, vale ressaltar que as atitudes violentas motivadas por insegurança e raiva não partem somente de indivíduos do sexo masculino, sendo bidirecionais. Assim, ao procurar elaborar novos significados multidimensionais e transdisciplinares, o Paradigma da Complexidade revela que ações e vivências violentas nos relacionamentos são produtos e produtores de outras experiências e condutas (MORIN, 2012), mostrando-se claro na bidirecionalidade evidenciada no cotidiano de muitos relacionamentos afetivos, em que ambos os sexos mutuamente se agredem e são agredidos.

Nesse sentido, um estudo evidenciou que, ao caracterizar manifestações de violência no namoro de adolescentes e adultos jovens, havia uma simetria na prática de agressão, onde ambos os sexos relataram uso da violência (COSTA; COSTA; NASCIMENTO, 2018). Seguindo essa linha da bidirecionalidade, ressalta-se que há um contraponto importante

sobre as atitudes múltiplas de homens e mulheres, destoando do poder naturalizado que ficou resignado nas lendas e que se tornou dominante na vida deles. Isso foi abordado no século XX como teoria do gênero, que mostrou que os comportamentos entre os sexos são relacionados e construídos com bases nas relações de poder (BITTAR; NAKANO, 2017; CONCEIÇÃO et al., 2018).

A ideia de posse de uma pessoa sobre a outra, dentro de uma relação afetiva, mostra-se como uma construção sociocultural, que pode ser fortemente evidenciada nas falas a seguir:

A gente tem uma vantagem física, então predominantemente é do homem a violência física (E11).

A gente foi construído numa sociedade que tem a ideia de relacionamento sendo uma ideia de posse, principalmente vindo da gente (homem) (E15).

A masculinidade, como adjetivo aprendido socialmente, reafirma o exercício do poder do homem sobre a mulher. Assim, o ser masculino aparece sempre como o coordenador da relação, o provedor, aquele que afirma suas conquistas sexuais e se utiliza da força para dominar, reafirmando a ideia socialmente aceita de controle do parceiro para com a parceira, resultando em ações de controle e violência (COSTA; COSTA; NASCIMENTO, 2018).

Partindo dessa premissa, desde muito cedo os meninos são ensinados a não expressarem suas emoções por ser algo caracterizado como atitude feminina. E, assim, a ira e atos de agressão tornaram-se formas de canalizar suas emoções, de impor suas vontades e manter sua posição de poder, ao mesmo tempo que a mulher assume o papel de subordinada e frágil frente a tais situações (OLIVEIRA; ASSIS; PIRES, 2016).

Revela-se aqui uma estigmatização social da figura masculina e a perpetuação do pensamento machista. Nessa perspectiva, o Paradigma da Complexidade propõe um recurso às ideias, às práticas de vida, aos valores, às noções e aos conceitos sociais e culturais que sofreram um esvaziamento de seus conteúdos pela modernidade, por meio do método e forma de pensar do Pensamento Complexo, que conduz à ressignificação e produz/origina novos significados a todos esses elementos que envolvem a cultura machista (MORIN, 2011; 2012).

Um estudo que avaliou a percepção de jovens universitários sobre a violência contra mulher no namoro mostrou que a violência psicológica não foi vista como um abuso, mas como estratégia para controlar a parceira ou evitar a traição. Isso reflete o pressuposto no imaginário coletivo, advindo do sistema patriarcal, de que o homem deve ter uma postura social e sexual ativa e a mulher uma postura sexual passiva e restrita exclusivamente à reprodução (SOUZA; PASCOALETO; MENDONÇA, 2018).

## O namoro e sua interface com a violência

Considerando as possíveis motivações para haver discussões entre os casais, o ciúme se sobressaiu nas falas dos entrevistados, seguido da divergência de ideias ou vontades, conforme trazem as falas que seguem:

Os ciúmes podem ir de extremos. O ciúme eu acredito que possa ser saudável aquele de cuidado (E1).

Ciúmes, acho que é o principal. [...] (E7).

Tem situações que traz ideia de cuidado. Mas ele (ciúme) também pode ser excessivo e doentio em que a pessoa se sente mal (E2).

Assim, se a pessoa tem ciúmes é porque ela ainda tem interesse em você. Mas tipo um ciúme excessivo não faz parte de um relacionamento. Tem um ciúme saudável (E12).

Nesse cenário, o ciúme é uma reação emocional que se expressa de diferentes formas diante da ideia da perda do parceiro ou existência de um (a) possível rival. Pode-se apresentar como uma ferramenta para exercer controle e poder na relação, dando margem para que se reproduzam as desigualdades de gênero aprendidas (DELATORRE; WAGNER, 2015). A complexidade dessa realidade evidencia que os relacionamentos íntimos baseados nos princípios de ciúme e posse legitimam a violência, justificam ações irrefletidas e isentam a responsabilidade do autor da violência, uma vez que se comportam como importantes elementos na construção e no estabelecimento das relações doentias.

Em contrapartida, ao mesmo tempo em que o ciúme é visto como precursor de discussões e de atos violentos, também é considerado aceitável em “pequenas doses”, uma vez que pode apresentar-se como uma demonstração de interesse e importância do outro, assumindo, assim, um papel ambíguo na relação afetiva.

Esse papel ambíguo do ciúme também foi evidenciado nos achados da pesquisa de Oliveira et al. (2016), realizada com adolescentes em dez capitais brasileiras, em que o ciúme, além de ser um determinante para ocorrência de agressões físicas, era aceito pelos jovens como uma expressão de amor e cuidado. Esse sentimento só passava a ser percebido como violência se ocorresse concomitantemente a uma ameaça de agressão física ou se fosse demasiadamente frequente; no entanto, era tido como natural se interpretado como uma brincadeira ou demonstração de carinho e cuidado por parte do parceiro.

Dois entrevistados referiram que a discussão é algo inerente ao relacionamento, e um deles afirmou que o discutir é uma forma de comunicação necessária para que haja ajuste entre os pares, ainda que se reconheça que tais atitudes não sejam saudáveis e provoquem desgaste:

É (pausa) discussão, você levanta a voz, ambas as partes se exaltam. Isso acontece em qualquer relacionamento, que pode até ser visto como violência psicológica. Eu acredito que não tem um relacionamento que é só flores [...], mas isso não quer dizer e nem é uma premissa para se tornar corriqueiro (E11).

Um relacionamento precisa ter algumas brigas e tal. Lógico, nem sempre, na maioria das vezes não é saudável, mas precisa pra gente ajustar alguns pontos (E9).

A comunicação conflituosa é um fenômeno ainda inerente às relações conjugais, especialmente no cenário contemporâneo, em que os aspectos relativos à individualidade de cada um esbarram nos limites da vivência da conjugalidade do casal. Autores enfatizam que o conflito conjugal pode ser entendido como a oposição ostensiva entre os cônjuges, identificada por eles como desentendimento ou fonte de dificuldades no relacionamento (SCHEEREN et al., 2015).

A ótica do Paradigma da Complexidade analisa que a violência psicológica praticada nas relações afetivo-sexuais é, muitas vezes, uma estratégia utilizada pelos casais para a solução de conflitos, em que eles decidem resolver de forma destrutiva, em virtude de elementos sócio-históricos que legitimam a cultura violenta. O simples silêncio, as discussões em tom exaltado sem consenso ou negociação, as ofensas, a indisposição à resolução dos conflitos e o foco excessivo nos interesses pessoais em detrimento dos conjugais são comportamentos comuns frente às divergências. Assim, a violência tende a ser menosprezada, resultando em comportamentos cada vez mais intensos e reincidentes, os quais nutrem constantemente o ciclo da violência (MORIN, 2011; SOUZA; PASCOALETO; MENDONÇA, 2018).

Assim, compreende-se que, para as relações se **construírem** de maneira saudável, é preciso o incentivo ao diálogo construtivo e repressão a qualquer forma de violência, entendendo que os dois apresentam limitações que precisam ser toleradas, isso sendo na visão do Paradigma Complexo. É importante, também, haver o fortalecimento da comunicação respeitosa, flexibilizando a negociação dos interesses individuais e coletivos um do outro, de modo que ambos tenham suas necessidades atendidas, resultando em novos significados às relações e ausência de violência no cotidiano dos casais (DELATORRE; WAGNER, 2015; SOUZA; PASCOALETO; MENDONÇA, 2018).

## Considerações finais

Ao analisar as falas dos jovens entrevistados, percebe-se que o exercício do controle sobre o parceiro é algo constante na dinâmica do relacionamento, ferindo, muitas vezes, a individualidade da pessoa que se diz amar, o que entra em desacordo com a ideia social de que o namoro é algo leve, livre de situações de abuso.

Observou-se uma dificuldade dos entrevistados em falar abertamente sobre o tema da violência nas relações afetivas e também de se assumir como propagador ou vítima da violência, o que é compreensível devido à complexidade e sensibilidade do assunto. Houve também uma incoerência entre o que acreditavam ser ações que deveriam permear a relação e o que realmente faziam.

Os dados trazidos apontam para a necessidade da implementação de programas intersetoriais voltados para a discussão da temática, considerando a gravidade das repercussões físicas, morais e psicológicas desse fenômeno. Dentre os setores que apresentam papel significativo na mudança desse panorama, encontram-se principalmente a educação e o setor saúde, os quais podem atuar tanto na prevenção primária da violência nas relações quanto na redução de danos, com enfoque em grupos etários mais jovens.

Os princípios adotados a partir do Paradigma da Complexidade proporcionaram o apontamento de algumas possibilidades para superar as visões simplificadoras e reducionistas, ainda muito vigentes, sobre o fenômeno em estudo, permitindo a construção de uma perspectiva integrada sobre a temática. Essa ampliação pode resultar, além de uma maior clareza sobre os elementos que compõem o fenômeno da violência em sua interdependência e interconectividade, na construção intersetorial e interdisciplinar de estratégias de enfrentamento da violência, de modo articulado e contextualizado.

Este estudo limita-se a investigar a vivência de jovens universitários do sexo masculino somente. É válido salientar que, por se tratar de aspectos de experiência pessoal, pode haver uma tendência a respostas que sejam consideradas pelos participantes mais aceitáveis pela sociedade. Sugere-se que sujeitos com perfil diferente possam ser investigados sobre esses mesmos aspectos, de forma que a comparação de diversas visões sobre esse fenômeno permita a reflexão sobre a temática e possibilite uma discussão que permita elencar sugestões de combate à cultura da violência entre casais.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BESERRA, M. A. et al. Prevalência e características da violência no namoro entre adolescentes escolares de Portugal. **Revista da Escola Anna Nery**, Rio de Janeiro, v. 20, n. 1, p. 183-191, jan./mar. 2016. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1414-81452016000100183](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-81452016000100183)>. Acesso em: 10 jan. 2020.
- BEZERRA, K. A.; ALVES, H. B.; CANUTO, P. J. Violência no namoro: reflexões sobre a problemática nos adolescentes. **Revista Interdisciplinar em Saúde**, v. 7 (único), p.111-122, 2020. Disponível em: <[http://www.interdisciplinaremsaude.com.br/Volume\\_28/Trabalho\\_08\\_2020.pdf](http://www.interdisciplinaremsaude.com.br/Volume_28/Trabalho_08_2020.pdf)>. Acesso em: 02 fev. 2023.
- BITTAR, D. B.; NAKANO, A. M. S. Symbolic violence among adolescents in affective dating relationships. **Revista da Escola de Enfermagem USP**, São Paulo, v. 51, n. 1, p. 1-8, mar. 2017. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0080-62342017000100482](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0080-62342017000100482)>. Acesso em: 12 fev. 2020.
- BOURDIEU, P. **A dominação masculina**. 1. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2007.
- BRANCAGLIONI, B. C. A.; FONSECA, R. M. G. S. Intimate partner violence in adolescence: an analysis of gender and generation. **Revista Brasileira de Enfermagem**, Brasília, v. 69, n. 5, p. 890-898, set./out. 2016. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0034-71672016000500946&script=sci\\_arttext&lng=en](http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0034-71672016000500946&script=sci_arttext&lng=en)>. Acesso em: 20 jan. 2020.
- BRINGAS-MOLLEDA, C. et al. Análisis diferencial de la percepción de jóvenes sobre maltrato en el noviazgo. **Revista Latinoamericana de Ciencias Sociales, Niñez y Juventud**, Colombia, v. 13, n. 2, p. 737-48, mar. 2015. Disponível em: <<http://www.scielo.org.co/pdf/rlcs/v13n2/v13n2a14.pdf>>. Acesso em: 01 fev. 2020.
- CÁRDENAS, F. P. et al. Violencia en el noviazgo en jóvenes y adolescentes en la frontera norte de México. **Journal Health NPEPS**, Mato Grosso, v. 3, n. 2, p. 426-40, jul/dez. 2018. Disponível em: <<https://periodicos.unemat.br/index.php/jhnpeps/article/view/3117>>. Acesso em: 22 jan. 2020.
- CAMPEIZ, A. B. et al. Violence in intimate relationships from the point of view of adolescents: perspectives of the Complexity Paradigm. **Revista da Escola de Enfermagem da USP**, v. 54, e03575, 2020a. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/reeusp/a/JYLvhxzzJ4bD5hXD4R8ztcg/?format=pdf&lang=pt>>. Acesso em: 28 fev. 2023.
- CAMPEIZ, A. B. et al. Redes sociais digitais: exposição à violência na intimidade entre adolescentes à luz da complexidade. **Texto Contexto Enferm**. v. 29, e20190040, 2020b. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/1980-265X-TCE-2019-0040>>. Acesso em: 02 fev. 2023.
- CONCEIÇÃO, T. B. et al. Assimetria e simetria de gênero na violência por parceiro íntimo em pesquisas realizadas no Brasil. **Ciência & Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro, v. 23, n. 11, p. 3597-3607, nov. 2018. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_abstract&pid=S1413-81232018001103597&lng=pt&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_abstract&pid=S1413-81232018001103597&lng=pt&nrm=iso)>. Acesso em: 01 fev. 2020.
- COSTA, A. M.; COSTA, M. C. O.; NASCIMENTO, O. C. Percurso amoroso e eventos violentos nas relações de namoro de jovens. **Revista de Saúde Coletiva**, Feira de Santana, v. 8, n. 1, p. 39-45, jul. 2018. Disponível em: <<http://periodicos.uefs.br/index.php/saudecoletiva/article/view/2973>>. Acesso em: 01 fev. 2020.
- COELHO, E. B. S.; SILVA, A. C. L. G.; LINDNER, S. R. **Violência: definições e tipologias**. Atenção a homens e mulheres em situação de violência por parceiros íntimos. Florianópolis: Editora da UFSC, 2014.

- CLARKE, V.; BRAUN V. Teaching thematic analysis: Overcoming challenges and developing strategies for effective learning. **The Psychologist**. v. 26, n. 2, p. 120-123, out. 2013. Disponível em: <<https://uwe-repository.worktribe.com/output/937596>>. Acesso em: 09 fev. 2020.
- DELATORRE, M. Z.; WAGNER, A. Estratégias de resolução de conflitos conjugais: evidências de validade do CRBQ. **Avaliação Psicológica**, Atatiba, v. 14, n. 2, p. 233-42, ago. 2015. Disponível em: <[http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1677-04712015000200009](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1677-04712015000200009)>. Acesso em: 17 mar. 2020.
- GARCIA, L. P.; SILVA, G. D. M. Violência por parceiro íntimo: perfil dos atendimentos em serviços de urgência e emergência nas capitais dos estados brasileiros, 2014. **Caderno de Saúde Pública**, Rio de Janeiro. v. 34, n. 4, p. 1-12, mar. 2018. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_abstract&pid=S0102-311X2018000405004&lng=en&nrm=iso&tlng=pt](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_abstract&pid=S0102-311X2018000405004&lng=en&nrm=iso&tlng=pt)>. Acesso em: 10 jan. 2020.
- HENNINK, M. M.; KAISER, B. K.; MARCONI, V. C. Code Saturation Versus Meaning Saturation: How Many Interviews Are Enough? **Qual Health Res.**, v. 27, n. 4, p. 591-608. 2017. Disponível em: <[10.1177/1049732316665344](https://doi.org/10.1177/1049732316665344)>. Acesso em: 31 jan. 2022.
- LAZZARI, K. C. V.; CARLOS, P. P.; ACCORSSI, A. Violência de gênero e direito das mulheres no Brasil. **Interfaces Científicas: Humanas e Sociais**, v. 8, n. 3, p. 221-234, 2020. Disponível em: <<https://doi.org/10.17564/2316-3801.2020v8n3p221-234>>. Acesso em: 02 fev. 2023.
- MARTINS, A. P. A. Violência no namoro e nas relações íntimas entre jovens: considerações preliminares sobre o problema no Brasil. **Gênero**, v. 17, n. 2, p. 9-28, 2017. Disponível em: <<file:///C:/Users/Dell/Downloads/31261-Texto%20do%20Artigo-106535-1-10-20171203.pdf>>. Acesso em: 10 jan. 2020.
- MODENA, M. R. **Conceitos e formas de violência**. Caxias do Sul: Educus, 2016.
- MORIN, E. **Introdução ao pensamento complexo**. 4a ed. Porto Alegre: Sulina, 2011.
- MORIN, E. **O Método 5: a humanidade da humanidade**. Porto Alegre: Sulina, 2012.
- MÚRIAS, C. **Relações In: igualdade no namoro**. Manual de Educação de Pares para a Erradicação da Violência no Namoro. Associação Portuguesa de Cidadania Activa. 2019. Disponível em: <[https://www.cm-figfoz.pt/cmfigueiradafoz/uploads/writer\\_file/document/1569/manual\\_de\\_educacao\\_de\\_pares\\_para\\_a\\_violencia\\_no\\_namoro.pdf](https://www.cm-figfoz.pt/cmfigueiradafoz/uploads/writer_file/document/1569/manual_de_educacao_de_pares_para_a_violencia_no_namoro.pdf)>. Acesso em: 19 jan. 2023.
- NADER, M. B.; CAMINOTI, J. M. **Gênero e poder: a construção da masculinidade e o exercício do poder masculino na esfera doméstica**. XVI Encontro regional de história da ANPUH-RIO: saberes e práticas científicas. Rio de Janeiro: ANPUH, 2014. p. 1-9.
- OLIVEIRA, R. N. G. et al. Preventing violence by intimate partners in adolescence: an integrative review. **Revista da Escola de Enfermagem da USP**, São Paulo, v. 50, n. 1, p. 134-43, fev. 2016. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0080-62342016000100134](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0080-62342016000100134)>. Acesso em: 22 jan. 2020.
- OLIVEIRA, Q. B. M.; ASSIS, S. G.; PIRES, K. N. T. O. Violência física perpetrada por ciúmes no namoro de adolescentes: um recorte de gênero em dez capitais brasileiras. **Psicologia: Teoria e Pesquisa**, Brasília, v. 32, n. 3, p. 1-12, jul./set. 2016. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0102-37722016000300236&script=sci\\_abstract&tling=pt](http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0102-37722016000300236&script=sci_abstract&tling=pt)>. Acesso em: 25 fev. 2020.
- PINHEIRO, I.; CARIDADE, S. Pedido de ajuda em vítimas de violência no namoro: revisão sistemática. **Revista Portuguesa de Investigação Comportamental e Social**, v. 5, n. 2, p. 68-84, 2019. Disponível em: <<https://doi.org/10.31211/rpics.2019.5.2.124>>. Acesso em: 10 jan. 2020.

- RUBIO-GARAY, F. et al. Prevalencia de la violencia en el noviazgo: una revisión sistemática. **Papeles del Psicólogo**, Espanha, v. 38, n. 2, p. 135-147, abr. 2017. Disponível em: <<http://www.papelesdelpsicologo.es/pdf/2831.pdf>>. Acesso em: 20 jan. 2020.
- SANTOS, K. B.; MURTA, S. G. Influência dos pares e educação por pares na prevenção à violência no namoro. **Psicologia: Ciência e Profissão**, Brasília, v. 36, n. 4, p. 787-800, out./dez. 2016. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1414-98932016000400787&script=sci\\_abstract&tlng=pt](http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1414-98932016000400787&script=sci_abstract&tlng=pt)>. Acesso em: 02 fev. 2023.
- SCHERREN, P. et al. O papel preditor dos estilos de apego na resolução do conflito conjugal. **Estudos e Pesquisas em Psicologia**, Rio de Janeiro, v. 15, n. 3, p. 835-852, nov. 2015. Disponível em: <[http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1808-42812015000300004](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1808-42812015000300004)>. Acesso em: 17 mar. 2020.
- SCHOENMAKER, M. C. et al. A violência por parceiro íntimo entre adolescentes: percepções a partir de um jogo online. **Investigação Qualitativa em Saúde**, Lisboa, v. 2, n. 1, p. 748-757, jul. 2016. Disponível em: <<https://proceedings.ciaiq.org/index.php/ciaiq2016/article/view/819>>. Acesso em: 14 jan. 2020.
- SILVA, J. R. T. Masculinidade e violência: formação da identidade masculina e compreensão da violência praticada pelo homem. In: REDOR, 18º, 2014, Recife, Universidade Federal Rural de Pernambuco. **Anais [...]**. Recife, Universidade Federal Rural de Pernambuco, 2014. p. 2802-2817. Disponível em: <<http://www.ufpb.br/evento/index.php/18redor/18redor/paper/viewFile/686/808>>. Acesso em: 01 fev. 2020.
- SOUZA, T. M. C.; PASCOALETO, T. E. A.; MENDONÇA, N. D. Violência contra mulher no namoro: percepções de jovens universitários. **Revista Psicologia e Saúde**, Campo Grande, v. 10, n. 3, p. 31-43, set./dez. 2018. Disponível em: <[http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_abstract&pid=S2177-093X2018000300004&lng=pt&nrm=iso](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_abstract&pid=S2177-093X2018000300004&lng=pt&nrm=iso)>. Acesso em: 22 jan. 2020.
- SOUZA, W. G. G. de; LORDELLO, S. R. M.; MURTA, S. G. “Eu quero um amor”: violência no namoro e medida socioeducativa. **Revista Polis e Psique**, v. 12, n. 1, p. 211-238, 2022. Disponível em: <<https://doi.org/10.22456/2238-152X.112387>>. Acesso em: 19 jan. 2023.
- SOUZA, T. M. C.; REZENDE, F. F. Violência contra mulher: concepções e práticas de profissionais de serviços públicos. **Estudos Interdisciplinares em Psicologia**, v. 9, n. 2, p. 21-38, 2018. Disponível em: <[http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S2236-64072018000200003&lng=pt&nrm=iso](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2236-64072018000200003&lng=pt&nrm=iso)>. Acesso em: 03 mar. 2023.
- WORLD HEALTH ORGANIZATION (WHO). Global consultation on violence and health. **Violence: a public health priority**. Geneva: World Health Organization, 1996.
- VERÍSSIMO, A. V. R. et al. Prevalência e fatores associados à violência no namoro entre adolescentes de escola pública. **Revista Gaúcha Enfermagem**, v. 43, e20210170, 2022. Disponível em: <<https://www.seer.ufrgs.br/index.php/rgenf/article/view/125750/85420>>. Acesso em: 02 fev. 2023.

**Resumo** O presente estudo tem como objetivo descrever a percepção de jovens universitários do sexo masculino sobre violência nas relações de namoro, considerando os aspectos físicos, sexuais e psicológicos. Trata-se de uma pesquisa qualitativa, ancorada no Paradigma da Complexidade, sendo a coleta de dados realizada com 17 jovens universitários do sexo masculino, com idade entre 19 a 24 anos. A coleta dos dados se deu por meio de entrevistas semiestruturadas e diário de campo. A análise dos dados obtidos foi fundamentada no Paradigma da Complexidade. Os jovens explicitaram compreender a violência no namoro como abusos físicos, psicológicos e sexuais, envolvendo situações de xingamentos, humilhação e privação da liberdade. Reconheceram que já foram vítimas e/ou perpetradores de violência em algum momento do relacionamento e identificaram o ciúme como o principal desencadeador da violência. Logo, entende-se que a implementação de estratégias voltadas à prevenção primária da violência nas relações de namoro é um fator essencial e urgente.

**Palavras-chave:** violência, vulnerabilidade, identidade de gênero, jovem.

#### **Dating violence for young college students in the light of the Complexity Paradigm**

**Abstract** The study aimed to describe the perception of young male university students about violence in dating relationships, considering the physical, sexual and psychological aspects. This is a qualitative research, anchored in the Paradigm of Complexity, with data collection being carried out with 17 male university students, aged between 19 and 24 years. Data collection took place through semi-structured interviews and a field diary. The analysis of the obtained data was based on the Complexity Paradigm. Young people understand dating violence as physical, psychological and sexual abuse, involving situations of name-calling, humiliation and deprivation of liberty. They recognized having already been victims and/or perpetrators of violence at some point in the relationship, and identified jealousy as the main trigger of violence. Therefore, it is necessary to implement strategies aimed at the primary prevention of violence in dating relationships.

**Keywords:** violence, vulnerability, gender identity, young.

#### **La violencia en el noviazgo para jóvenes universitarios a la luz del Paradigma de la Complejidad**

**Resumen** El estudio tuvo como objetivo describir la percepción de jóvenes universitarios varones sobre la violencia en las relaciones de noviazgo, considerando los aspectos físicos, sexuales y psicológicos. Se trata de una investigación cualitativa, anclada en el Paradigma de la Complejidad, siendo realizada la recolección de datos con 17 universitarios varones, con edades entre 19 y 24 años. La recolección de datos se realizó a través de entrevistas semiestruturadas y diario de campo. El análisis de los datos obtenidos se basó en el Paradigma de la Complejidad. Los jóvenes entienden la violencia en el noviazgo como abuso físico, psicológico y sexual, involucrando situaciones de insultos, humillaciones y privaciones de libertad. Reconocieron haber sido ya víctimas y/o perpetradores de violencia en algún momento de la relación, e identificaron los celos como el principal desencadenante de la violencia. Por lo tanto, es necesario implementar estrategias dirigidas a la prevención primaria de la violencia en las relaciones de noviazgo.

**Palabras clave:** violencia, vulnerabilidad, identidad de género, joven.

**DATA DE RECEBIMENTO:** 05/02/22

**DATA DE APROVAÇÃO:** 16/03/23



**Rosana Alves de Melo**

Enfermeira, Mestre em Enfermagem, Doutora em Inovação Terapêutica, Professora adjunta do Colegiado de Enfermagem e do Programa de Pós-Graduação em Dinâmicas de Desenvolvimento do Semiárido da Universidade Federal do Vale do São Francisco, Brasil.

E-mail: [rosana.melo@univasf.edu.br](mailto:rosana.melo@univasf.edu.br)



**Marianna Amaral Alencar Monteiro**

Enfermeira da Secretaria de Saúde da Prefeitura Municipal de Petrolina/Pernambuco, Brasil.

E-mail: [mariana.amaral4@gmail.com](mailto:mariana.amaral4@gmail.com)



**Flávia Emília Cavalcante Valença Fernandes**

Enfermeira, Mestre em Economia da Saúde, Doutora em Inovação Terapêutica, Professora adjunta do Colegiado de Enfermagem e do Programa de Pós-Graduação em Formação de Professores e Práticas Interdisciplinares da Universidade de Pernambuco, Campus Petrolina/Pernambuco, Brasil.

E-mail: [flavia.fernandes@upe.br](mailto:flavia.fernandes@upe.br)



**Adriele Souza Pires**

Enfermeira, especialista em Urgência e Emergência, assistencialista da rede hospitalar privada de Petrolina/Pernambuco, Brasil.

E-mail: [adrielepires2225@gmail.com](mailto:adrielepires2225@gmail.com)



**Karina Perrelli Randau**

Farmacêutica, Mestre em Ciências Farmacêuticas, Doutora em Ciências Naturais, Professora adjunta do Colegiado de Ciências Farmacêuticas e do Programa de Pós-Graduação em Inovação Terapêutica da Universidade Federal de Pernambuco, Brasil.

E-mail: [krandau@hotmail.com](mailto:krandau@hotmail.com)